

MEMORIAL

Nasci em Moçambique, em 1956, num ambiente familiar em que o contribuir para a melhoria da justiça social, através dum processo educativo e de apoio à organização das pessoas que lhes permitisse quererem ser, saberem ser e poderem ser os principais agentes do seu desenvolvimento pessoal e do das suas comunidades, era um ideal assumido ativamente. Este ambiente, em que nasci e cresci, fortemente influenciado pelo meu Pai, agrónomo envolvido no desenvolvimento rural em Moçambique, influiu muito o meu desejo de vir a ser médico por ver, no exercício desta profissão, uma forma de, realizando-me, contribuir para o realizar daquele ideal.

Iniciei a minha vida profissional em África, onde fiz grande parte da minha formação profissional (uma licenciatura, dois mestrados, duas especializações e um doutoramento), não só no exercício da clínica médica, mas também na gestão de serviços de saúde - como subdiretor de um hospital rural de missionários holandeses em Gelukspan, Bophuthatswana, e como membro de órgãos diretivos de um centro de saúde periurbano em Alexandra, ambos na África do Sul.

Esta passagem por Alexandra, entre 1985 e 1991, deu-me a oportunidade de trabalhar num centro de saúde totalmente dependente de mecenatos estrangeiros e que apoiava fortemente a luta contra o apartheid, num ghetto urbano, *Township*, nos subúrbios de Joanesburgo. Um exemplo, marcante para mim, da força da saúde no combate às injustiças e na transformação das sociedades.

Com 62 anos, olhando para o meu percurso, apercebo-me que a academia teve um papel estruturante de toda a minha vida profissional.

A minha carreira académica teve início formal em 1992, quando ingressei, pela primeira vez, nos quadros do Instituto de Higiene e Medicina Tropical (IHMT) da Universidade Nova de Lisboa (UNL) como assistente convidado. Tive nesses primeiros anos no Instituto oportunidade de conviver com Francisco Cambournac, grande malariologista, diretor fundador do escritório da OMS em Brazzaville. No primeiro encontro, quando tentei apresentar-me, interrompeu-me gentilmente, informando-me que conhecia o meu curriculum vitae a fundo, pois tinha-o estudado para dar o parecer favorável à minha admissão no Colégio da Especialidade de Medicina Tropical, da Ordem dos Médicos.

MEMORIAL

Já tinha, no entanto, exercido funções académicas, na África do Sul, com carácter complementar a uma atividade profissional intensa, clínica, de gestão e de saúde pública; as funções académicas eram então vistas por mim como uma forma de sistematizar a minha aprendizagem, adquirida nos meus contactos do dia-a-dia com os doentes e seus ambientes – familiar, comunitário e de trabalho – ao mesmo tempo que contribuía para a dos outros

Uma das características marcantes do meu percurso tem sido esta convivência interativa entre a prática clínica, a da administração pública e a académica.

A primeira das componentes desta convivência foi sendo adquirida como:

- estudante e interno, no complexo hospitalar da Faculdade de Medicina da Universidade do Cabo;
- médico responsável das enfermarias de pediatria, malnutrição e tuberculose no Hospital de Gelukspan que já referi;
- clínico nas policlinicas do Centro de Saúde Universitário em Alexandra;
- voluntário nos serviços de emergência obstétrica nos Hospitais de Coronation, Joanesburgo e Baragwanath, no Soweto;
- responsável e clínico na Consulta do Viajante e Medicina Tropical do IHMT, já em Portugal.

A segunda como:

- chefe da Divisão de Epidemiologia da Direção de Serviços de Informação e Análise da Direção-Geral da Saúde, Direção de Serviços do Ministério da Saúde que posteriormente vim a dirigir;
- coordenador das equipas que elaboraram o atual plano estratégico para a saúde de Portugal, assim como o imediatamente anterior, vindo posteriormente a integrar a Comissão de Acompanhamento desse mesmo plano;
- Subdiretor Geral da Saúde;
- consultor de vários órgãos centrais de Ministério da Saúde, em Portugal e nos países africanos de língua portuguesa.

E a terceira como:

- docente na Faculdade de Medicina da Universidade de Witwatersrand;

MEMORIAL

- docente do IHMT, UNL;
- docente da Escola Nacional de Saúde Pública, UNL;
- docente da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa; e
- membro da Comissão Científica do CEDUMED da Universidade Agostinho Neto (UAN) em Luanda, Angola.

Esta colaboração com Angola, com Mário Jorge Fresta e Filomeno Fortes, levou a um Doutoramento em Ciências Biomédicas, oferecido pela UAN desde março de 2018, depois de uma preparação meticulosa ao longo de uma década que incluiu a formação doutoral dos docentes angolanos.

O meu trabalho – clínico, académico ou de saúde pública – tem tido como eixos orientadores, desde as suas raízes em África, a preocupação temática com a saúde materno-infantil e reprodutiva, os sistemas de saúde Africanos, assim como os que neles trabalham e os que a eles recorrem.

Estes vetores desenvolveram-se e firmaram-se no meu pensamento durante os primeiros anos da minha atividade clínica em África, clínica essa centrada essencialmente na saúde materno infantil em todas as suas vertentes: primária, secundária e terciária. Vem também destes anos de atividade clínica, o meu interesse pelas doenças infecciosas, refletido nos trabalhos que tenho publicado sobre SIDA, tuberculose, malária, diarreias infantis e sarampo, entre outros, interesse esse que me levou a especializar em medicina tropical. É igualmente sobre estes temas que se debruçam os meus primeiros trabalhos de epidemiologia.

Sempre considerei a epidemiologia não só como um elemento sistematizador do meu pensamento e práxis profissional, mas também como um instrumento de apoio à decisão clínica, à prática da saúde pública e à atividade gestionária. Foi ela que, na minha procura de apoios metodológicos, me levou a contactar o diretor do Departamento de Saúde Pública da Universidade de Witwatersrand, John Gear, em Joanesburgo, África do Sul, contacto decisivo para optar pela saúde pública como segunda área de especialização. Trabalhei nesse tempo como consultor de epidemiologia do *Medical Research Council* na África do Sul.

Foi a epidemiologia que me levou a Londres, como *British Council Scholar*, para aprofundar os meus estudos na *London School of Hygiene and Tropical Medicine* com Richard Hayes, onde tive oportunidade conhecer Michael Marmot e Geoffrey Rose. Estagiei ainda no *Institute of*

MEMORIAL

Child Health, Tropical Child Health Unit, com Gulamabbas Juma (Zef) Ebrahim, (bem conhecido no Brasil), onde tive a oportunidade de conhecer o lendário pediatra David Morley – tudo isto no fabuloso ano de 1989 – em que nasceu a minha filha Rosa, caiu o muro de Berlim, foi libertado Nelson Mandela e tiveram lugar as primeiras eleições presidenciais democráticas no Brasil em 29 anos, depois do fim do regime militar em 1985.

A epidemiologia mantém-se, até hoje, como um dos polos da minha concentração profissional, o que se tem refletido na minha atividade docente, no desempenho das chefias que assumi e noutros desafios profissionais que aceitei nos anos mais recentes, nomeadamente como dirigente da Associação Portuguesa de Epidemiologia.

Ao alargar dos meus horizontes profissionais (da clínica à gestão de unidades de saúde e à administração pública), correspondeu uma maior necessidade de compreender os fatores que afetam não só o desempenho institucional, mas também a funcionalidade dos sistemas de serviços de saúde em que essas instituições estão integradas.

Daí o meu interesse pela investigação em sistemas de serviços de saúde, nomeadamente na gestão da informação e do conhecimento, no planeamento estratégico e na gestão da mudança. Esta investigação tem-me conduzido, por um lado, à procura de novas soluções metodológicas, mais fenomenológicas e menos positivistas do que as da epidemiologia, que permitam dar resposta às questões que o confronto com os sistemas de serviços de saúde me tem colocado; por outro lado, a sentir a necessidade de estudos comparativos dos sistemas de serviços de saúde de vários países. Essa necessidade levou à minha progressiva integração numa rede de investigadores que, a nível internacional, se vem debruçando sobre a problemática dos sistemas de serviços de saúde. A minha atuação na administração e na investigação do sistema de serviços de saúde Português, e como membro fundador da Associação para o Desenvolvimento e Cooperação Garcia de Orta, favoreceu a referida integração como coordenador ou colaborador de vários projetos sobre saúde e sistemas de serviços de saúde. Tal integração tem-se mostrado também muito útil na triangulação da aprendizagem na Europa com o meu trabalho sobre sistemas de serviços de saúde africanos e sul-americanos e vice-versa.

O desempenho dos sistemas de serviços de saúde é, acima de tudo, determinado pelo desempenho dos seus recursos humanos. Por esta razão, o desenvolvimento e desempenho dos recursos humanos na saúde, tornou-se um tema central do meu trabalho académico, de

MEMORIAL

consultoria e de assistência técnica, levando ao estabelecimento no IHMT de um Centro Colaborador da OMS para Políticas e Planeamento da Força de Trabalho em Saúde, Centro que coordeno.

Em suma, a evolução do meu *curriculum vitae* profissional progrediu:

- de uma perspetiva biomédica da saúde para uma perspetiva sistémica de crescente complexidade;
- de uma abordagem centrada na doença para uma abordagem cada vez mais centrada nas pessoas e no seu ambiente local;
- de uma preocupação com o “local” para a compreensão da importância do global (através de várias colaborações: com a OMS na redação de vários Relatórios Mundiais de Saúde, como consultor, como membro executivo e observador no Conselho de Administração do TDR, e como membro e coordenador do Centro Colaborador em Políticas e Planeamento da Força de trabalho em Saúde; com a Comissão Europeia como representante de Portugal em várias comissões, na preparação de dois dos Relatórios do Estado de Saúde da União Europeia e participação noutros projetos multilaterais; e com o Secretariado Executivo da CPLP como observador consultivo, coordenador de grupos temáticos e assessoria técnica);
- de uma abordagem positivista para uma abordagem cada vez mais fenomenológica;
- de uma prática modernista da gestão e administração para um pós-modernismo menos determinista e mais contextual.

A minha docência reflete essa evolução. Assim, a grande preocupação com os conteúdos da “disciplina”, no início da minha carreira docente, deu primazia a um processo de ensino-aprendizagem que, sem desdenhar os conteúdos, decorre numa situação não-formal de interação entre docente e discentes. Nesta interação pedagógica procuro ajudar os discentes a pensarem sobre pontos de encontro entre a teoria e as diversas práticas e experiências, minhas e deles, o que contribui para uma aprendizagem (deles e minha) mais relevante para o exercício da profissão. Recuso render-me aos exames de escolha múltipla e em todas as avaliações permito a consulta de livros, manuais e apontamentos.

Ao longo da minha carreira, sobretudo mercê dos trabalhos que por diversas vezes tenho realizado em Angola, no Brasil, em Cabo Verde, na Eritreia, na Guiné-Bissau, em Moçambique, na Tailândia, em Timor Leste e na Zâmbia, como colaborador do Secretariado Executivo da

MEMORIAL

CPLP, da Comissão Europeia, da Organização Mundial de Saúde, do Banco Mundial, da Fundação Calouste Gulbenkian, de diversos Ministérios da Saúde e mais recentemente como dirigente do IHMT, identifiquei a importância das Instituições de formação de profissionais da saúde, muito principalmente, embora não só, destinados a trabalharem em países menos desenvolvidos, assumirem como fundamental, como absolutamente indispensável, a missão de uma socialização dos seus formandos conducente à interiorização de valores e princípios que lhes permitam compreender que o seu êxito não depende só, ou sobretudo, das suas competências técnicas, mas da sua capacidade para ganhar as pessoas como parceiros que queiram, saibam e possam aceitar, concretizando-a, a sua ajuda profissional. É sobre estas vertentes que parte do meu trabalho, nos últimos anos, se vem desenvolvendo, muito facilitado pela minha direção do IHMT desde 2010.

Fui eleito para a direção do IHMT em fins de 2009, num crescendo de indícios da crise financeira que culminou com o pedido do governo português de resgate financeiro em 2011, em plena pandemia da gripe H1N1, no mesmo ano em que Barack Obama aceitou o seu primeiro mandato e em que foi assassinado Nino Vieira na Guiné-Bissau.

Tomei posse em janeiro de 2010, ano em que faleceu Celestino Rocha da Costa, segundo primeiro ministro de São Tomé e Príncipe que conheci, quando, depois de ter deixado a primatura em 1991, decidiu voltar aos estudos no IHMT, onde foi um dos meus primeiros alunos.

Sobre o período à frente dos destinos do IHMT refiro as palavras que dirigi aos estudantes na abertura solene do ano letivo, em outubro passado:

“Fazemos ciência de excelência, local e globalmente relevante, o que se reflete nos problemas científicos que abordamos, na produtividade científica dos vossos professores e no impacto social das nossas atividades, alinhadas com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, que nos orientam a todos, globalmente, na procura de um mundo justo, sem pobreza, em paz e prosperidade. É para essas finalidades que a nossa investigação serve e que os vossos estudos vos vão orientar.

Esta investigação faz-se num Centro de Excelência da Fundação para a Ciência e Tecnologia, que já conhecem, ou ficarão a conhecer - o GHTM.

MEMORIAL

As nossas candidaturas a projetos de investigação financiados competitivamente e os nossos cursos tiveram este ano uma taxa de aprovação e uma procura recorde.

Depois de nove anos de grande esforço em que, repetidamente, éramos lembrados do chamado Efeito da Rainha Vermelha (abro aqui um parêntesis para lembrar as palavras da Rainha Vermelha ao explicar a Alice o Mundo do Outro Lado do Espelho, no romance de Lewis Carrol de 1872, um mundo, dizia a Rainha Vermelha, em que é preciso correr constantemente e com muito esforço para nos mantermos no mesmo lugar, fecho parêntesis), dizia eu que em 2018 conseguimos escapar à grilhetas da tirania da Rainha Vermelha com uma taxa de aprovação das nossas submissões de 40% e duplicando o número de alunos inscritos nos nossos programas de mestrado. Para 10 vagas no programa de doutoramento em saúde internacional, tivemos 40 candidaturas.

Esta procura crescente vem, maioritariamente, de uma lusofonia dispersa por todos os continentes, mas também, cada vez mais, de estudantes não lusófonos que reconhecem as vantagens, no mundo atual, de ter uma qualificação de qualidade, em Língua Portuguesa. Acolhemos alunos de mais de duas dezenas de países.

Para correspondermos a esta procura e para irmos ao encontro de profissionais que, pela escassez de recursos humanos, não conseguem sair de muitos desses países para, fisicamente, estarem presentes nas aulas, temos apostado com empenho em mecanismos que permitem a participação à distância, nomeadamente por e-learning ou criando as condições para participação nas aulas através de streaming.

Partilharão a vossa aprendizagem com um corpo docente envolvido com grandes causas nacionais e internacionais.

Nesse corpo docente encontramos dirigentes e cientistas dos Sistemas Nacionais de Saúde de Angola, do Brasil, de Cabo Verde, da Guiné-Bissau, de Moçambique e de Portugal e outros países europeus, que constroem pontes entre a teorização e a prática da intervenção na saúde nas mais diversas conjunturas.

Somos um Centro Colaborador da OMS com quem temos um Acordo Quadro assinado no início deste ano com a finalidade de capacitar os sistemas de saúde dos PALOP, reforçando o combate a doenças com potencial epidémico em África e melhorando o diagnóstico laboratorial.

MEMORIAL

Somos também o ponto focal em Portugal do Observatório Europeu de Sistemas e Políticas de Saúde.

Estamos nos órgãos diretivos e/ou científicos do TDR da OMS, em Genebra, do ECDC, do EDCTP, das Federações Internacionais e Europeias de Medicina Tropical e em Consórcios Académicos internacionais de saúde global.

Apoiamos cientificamente o Secretariado Executivo da CPLP e integramos Comissões Científicas de várias Faculdades ou Centros de Investigação não só em Portugal, mas também em vários Estados Lusófonos.

Se procurarem, caros alunos, encontrarão no IHMT um ambiente de aprendizagem não só estimulante do ponto de vista científico, mas também gratificante pelas causas que apoiamos e pelas atividades culturais que incentivamos.

Pelo nosso gosto pela história temos desenvolvido uma atividade museológica cada vez mais reconhecida e integrada nas redes museológicas nacionais sobre ciência. Tenho que realçar o trabalho abnegado do nosso Curador Dr José Dória.

Pelo nosso gosto pelas artes e pela cultura fomos convidados a coordenar a Comissão de Cultura do Secretariado Executivo da CPLP. Este gosto é encorajado pelo número, não insignificante, de colaboradores nossos que compõem ou interpretam música, que se dedicam à pintura, desenho ou fotografia, que escrevem romances ou poesia. Inauguraremos a seguir mais uma exposição de pintura dos nossos colaboradores Marília Fidalgo e Virgílio do Rosário.

Deixei as palavras finais, e são mesmo finais, pois é a última vez que me dirijo a vós como diretor desta ilustre casa numa cerimónia de abertura solene do ano letivo, para partilhar convosco que, depois de nove anos à frente dos destinos do IHMT, me aproximo do fim do meu segundo mandato com o sentido de objetivos alcançados e de dever cumprido”.

Este sentimento de satisfação só se tornou possível pelo leque de excelentes colaboradores que me apoiaram. Tenho que destacar a importância de um maravilhoso “gangue” de brasileiros da Fiocruz, do IMIP, da Universidade de São Paulo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, da Universidade Estadual de Goiás, do CONASS, da Universidade de Brasília, da Universidade Estadual Sul da Bahia, da Fundação de Medicina Tropical e muitos outros.

A colaboração com a Fiocruz foi determinante do meu sucesso. Foi lá que recrutei a minha primeira subdiretora, Zulmira Hartz, que se tornou num dínamo de mudança institucional no

MEMORIAL

IHMT, introduzindo o ensino à distância, estruturando a gestão do conhecimento, promovendo academicamente a avaliação em saúde, trazendo ao IHMT os dirigentes da Fiocruz (Paulo Buss, Paulo Gadelha e Nísia Trindade Lima), promovendo um ambicioso programa de trabalho interinstitucional e rodeando-se de inúmeros brasileiros que vinham até nós para fazer o seu pós-doutoramento com a Zulmira.

Paulo Buss conheci durante as comemorações dos 200 anos da transferência da corte portuguesa para o Brasil, em 2008. Trouxe também para o IHMT a primeira reunião da IANPHI com todos os dirigentes dos Institutos Nacionais de Saúde lusófonos. Trabalhámos juntos na elaboração do PECS e no estabelecimento da RINSP. Partilhámos a assessoria técnica do Secretariado Executivo da CPLP como representantes dos nossos Institutos. Desloquei-me à Fiocruz pela primeira vez a seu convite. Aprendi a reconhecer o seu mérito e brilhantismo e, com o apoio do meu Conselho Científico, propus que a UNL lhe atribuisse o Doutorado Honoris Causa, o que veio a acontecer em 2011. Este alinhamento entre nós foi reforçado quando, em 2017, partilhámos a novidade de sermos Avôs.

Outro Honoris Causa que promovi em 2016 foi o de Claudio Tadeu Daniel-Ribeiro. Conhecendo já o seu excelente trabalho científico, conheci-o pessoalmente pela sua dinamização da primeira RIDES, a da malária, em colaboração com o angolano Filomeno Fortes e o meu colega de IHMT, o Virgílio do Rosário. Tem-se mantido um amigo e entusiástico colaborador do IHMT. Pela sua mão entrei no Conselho de Administração da Federação Internacional de Medicina Tropical.

Em Genebra, nas reuniões do Conselho de Administração do TDR, cruzei-me com dois ilustres cientistas e dirigentes da Fiocruz, o Rodrigo Corrêa-Oliveira e o Mittermayer Galvão dos Reis.

Dos contatos com o primeiro resultou o meu convite em 2013 para que ele integrasse o *Scientific Advisory Board* do nosso centro de investigação de excelência, o GHTM, onde se mantém até hoje.

Das conversas com o Mittermayer, então presidente da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, nasceu uma mobilidade de docentes que levou à oferta no IHMT, de um primeiro curso de epidemiologia molecular de doenças infecciosas em 2016, com docentes da Fiocruz (com o próprio Mittermayer e Edison Duarte Moreira) e seus colaboradores dos Estados Unidos.

MEMORIAL

Estes poucos nomes, escolhidos pelo seu prestígio e pela intensidade da sua interação com o IHMT, não são mais que a ponta de um icebergue de dezenas de colegas das duas instituições que trabalham numa relação não só bilateral, mas também triangular com colegas e cientistas de todos os países lusófonos. Nesta relação prestigiam as Instituições que representam, promovem ciência de excelência, contribuem para um desenvolvimento sustentável e reforçam a relevância da Língua Portuguesa como meio de fazer e divulgar ciência.

Paulo Ferrinho

Azeitão, Portugal

25.11.2018